

Uma lição de solidariedade e de liberdade

A vida de Bento de Jesus Caraça percorre a primeira metade do século XX, com o seu cortejo de horrores e esperanças, de guerras e lutas libertadoras. Mas, nessas lutas, na avaliação sistemática das esperanças, na procura de racionalidade nas escolhas colectivas, na afirmação da dignidade da pessoa humana, a sua vontade firme de cidadão não mostrou fraquezas, a sua lucidez nunca sofreu desfalecimentos. Alentejano dos quatro costados, sempre amou as suas raízes, nelas se remoçando com contínuo gosto.

A mais antiga fotografia conhecida de Bento de Jesus Caraça, com 3 ou 4 anos de idade, é extraordinária. Numa pose singela, algo formal, na herdade da Casa Branca (do concelho do Redondo) despontava, sem que o soubesse ainda, uma das almas mais vivas da luta pela emancipação das nossas gentes.

Despontava também o século XX, tão cheio de promessas e de novidades. A câmara fotográfica seria certamente uma delas, por aqueles lados. E, assim, o olhar de Bento de Jesus Caraça, entre o sério e o interrogador, algo tímido, mas diligente, perscruta com curiosidade o futuro.

O futuro que lhe aparecia sob as vestes de uma nova arte, a fotografia, que sabemos ter sido a primeira a resultar directamente do esforço de criação científica que acompanhou a construção da modernidade. Significativamente, viria mais tarde Bento de Jesus Caraça a ser também um apaixonado fotógrafo do mundo e dos seus registos.

Mas a imagem do futuro que ele ali adivinhava implicava um corte definitivo com a realidade existente. Uma ruptura nos comportamentos, nos valores, nas representações sociais, nas mentalidades. Uma transformação e reorganização violenta dos interesses e dos poderes societais.

O *como fazê-lo* foi a questão a que Bento de Jesus Caraça dedicou toda a sua vida de militante e de professor. Porque se presente que ele nunca duvidou do *porquê*, da razão de ser dessa tarefa central colocada à geração do seu tempo – o despertar a alma colectiva das massas.



Foto 5 – Herdade da Casa Branca, Montoito, Concelho do Redondo, c. 1905 – Bento de Jesus Caraça, 1.º à esquerda, depois o irmão Francisco e a irmã Ludovina. A mãe à direita e, ao centro, D. Jerónima, proprietária da Herdade da Casa Branca.

É que o passado é o que se vê naquele retrato, à sua volta.

Bento de Jesus Caraça sabe-o já, naquele começo de século. Sabe igualmente que só aprendendo, só pela instrução, só pela ciência, se conseguirá entrar no futuro que o fixa, a ele e ao seu mundo de então, por meio do olho mecânico da câmara.

Esta noção nunca mais o abandonou. Lutou até ao fim pela educação, pelo conhecimento e pela cultura para todos, sem quaisquer limitações impostas. Deu lições a colegas e a estudantes; tornou-se professor de Matemática na universidade; participou activa e entusiasticamente no funcionamento das universidades populares; escreveu artigos nos jornais; lançou novas revistas culturais; realizou uma empenhada série de grandes conferências públicas onde traçou todo um programa de intervenção cívica, científica e pedagógica. Criou a Biblioteca Cosmos – uma extraordinária iniciativa de construção de uma cultura integral. Participou no movimento científico da época e fundou um centro universitário de investigação. Impulsionou os movimentos contra a guerra e o fascismo e foi um interveniente responsável nos movimentos de unidade antifascista e de unidade democrática a seguir à Segunda Guerra Mundial.

Antes do meio do século, em 1948, abandonou a nossa companhia aquele olhar vivo que nos questiona ainda hoje, como que buscando refúgio e solidariedade no futuro situado ali mesmo à sua frente. Esse futuro, que tão bem definiu no prefácio do primeiro livro publicado na Biblioteca Cosmos como «toda uma vida nova a construir, dominada por um humanismo novo».

Que lhe poderemos nós assegurar desse futuro, neste outro começo, mas de outro século, o XX? Que, se o mundo não é mais justo, nem mais solidário, não é porque ele não se tenha batido desassombadamente contra a arbitrariedade e contra a opressão. Que, se o mundo não é mais belo, nem mais amigo, não é porque o seu esforço em busca da verdade, valorizando a verdade dos outros, tenha sido em vão. Que, se é ao mesmo tempo melhor e pior, o mundo, felizmente, mudou. E que, enquanto formos vivos, pela nossa acção, o mundo irá sempre mudar.

Como ele próprio escreveu desassombadamente no semanário *Liberdade* em «A luta contra a guerra»: «[...] pelo caminho, e por efeito de uma análise impiedosa de todos os factores do problema, aparecerão como devendo ser abandonadas muitas ilusões, muitas ideias que até aí pareceriam fazer parte integrante do nosso ser moral. Pois bem! que haja coragem de as abandonar e se ao cabo aparecermos outros homens... tanto melhor!»

O seu espírito livre, aberto ao mundo e aos outros, às suas alegrias e sofrimentos, utilizando a conjectura e a crítica como mecanismos permanentes de renovação e de aperfeiçoamento, foi altamente incómodo. Incómodo para uns, os que gostariam de que nada mudasse, sobretudo na ordem vigente que os privilegiava. Incómodo, também, para os outros, para os amigos e para todos os que com ele interagiam, pelos desafios e questões constantes que lhes lançava. Mas estes sabiam igualmente que a «clareza que se desfruta no alto compensa bem as fadigas da ladeira».

O espírito livre educa-se, protege-se, acarinha-se como a uma flor, até o vermos dar os primeiros passos. A partir daí, serão os ventos e as circunstâncias a marcar o ritmo da sua evolução. Como se de um furacão se tratasse. Só que, após a sua passagem, em vez da destruição generalizada, o mundo está melhor, e nós ficamos mais ricos.

A imensa energia de um espírito livre manifesta-se por uma curiosidade insaciável nos mais diversos domínios, nos níveis mais variados; escoia-se através de um sem-número de acções, de movimentações, de iniciativas de índole cultural, científica, artística, educacional e humanitária; reveste-se de um carácter de rigor e de urgência, sempre associado a uma enorme clareza e a uma encantadora simplicidade.

Sobretudo, o espírito livre encontra-se, sistematicamente, do lado bom das coisas: daí a sua força. Está virado para o futuro, para a transformação, para as tarefas novas a desempenhar numa sociedade permanentemente em construção. Renega o conformismo, rejeita o dogmatismo, repele a superstição.

A acção de Bento de Jesus Caraça torna possível entender melhor como e porquê, mesmo em épocas convulsas e que mais parecem de descida aos infernos, é impossível eliminar a força da criatividade e do conhecimento. Mais: mesmo quando a violência e a arbitrariedade se abatem desbragadamente sobre as cabeças dos cidadãos e se pode mesmo amordaçar um país, como ele próprio afirmou, «derrotas só existem aquelas que se aceitam».